



A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA PSICOLOGIA: ASPECTOS DA EXPERIÊNCIA EM ESTÁGIO

The Social Representation of Psychology: Aspects of the Internship Experience

RESUMO

Relato de experiência do estágio em Processos Educacionais de Psicologia, realizado na sala de espera de uma clínica escola de Fisioterapia conveniada ao Sistema Único de Saúde (SUS), em Santa Catarina. Objetivo: Relatar aspectos da prática e refletir sobre a representação social da Psicologia e do psicólogo nesse contexto. Metodologia: Relato de experiência ao longo de um ano letivo, com encontros semanais baseados no acolhimento, escuta empática e educação em saúde. Resultados: Usuários apresentavam representações sociais da Psicologia vinculadas ao senso comum, expressas em questionamentos como "o que vocês fazem aqui?" ou associando a atuação do psicólogo a práticas assistencialistas. Ao longo dos encontros, essas concepções foram sendo (re)significadas à medida que o vínculo foi construído. Conclusão: A atuação da Psicologia na sala de espera constitui importante espaço de promoção de saúde, contribuindo para a desmistificação do fazer psicológico e para o fortalecimento de práticas interdisciplinares integradas no âmbito do SUS.

Bruna Raquel Franz Raither

Psicóloga. Especialista em Saúde Pública com Ênfase em Saúde da Família. Pós-graduanda em Desenvolvimento Infantil. UniSociesc Centro Universitário – Sociedade Educacional de Santa Catarina, Joinville, SC, Brasil.
Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-4810-8593>

Gabriela Kunz Silveira

Psicóloga (CRP 12/13411). Especialista e Mestre. Docente do Curso de Psicologia. Associação Catarinense de Ensino – Faculdade Guilherme Guimbala, Joinville, SC, Brasil.
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2481-4450>

PALAVRAS-CHAVES: Acolhimento; Educação em Saúde; Promoção da Saúde; Psicologia; Representação Social.

**ABSTRACT**

***Autor correspondente:**

bruna.raquel.franz@gmail.com

Recebido em: 13-05-2026

Publicado em: 14-07-2026

Experience report from the internship in Educational Processes of Psychology, carried out in the waiting room of a Physical Therapy school clinic affiliated with the Unified Health System (SUS), in Santa Catarina. Objective: To report aspects of the practice and reflect on the social representation of Psychology and psychologists in this context. Methodology: Experience report over one academic year, with weekly meetings based on welcoming, empathetic listening, and health education. Results: Users presented social representations of Psychology linked to common sense, expressed in questions such as "what do you do here?" or associating the psychologist's role with welfare or exclusively psychotherapeutic practices. Over the meetings, these conceptions were (re)signified as the bond was built. Conclusion: Psychology's work in the waiting room constitutes an important space for health promotion, contributing to the demystification of psychological practice and the strengthening of interdisciplinary integrated practices within the SUS.

KEYWORDS: Health Education; Health Promotion; Psychology; Social Representation; User Embrace.



INTRODUÇÃO

O artigo apresenta aspectos da experiência da prática em estágio vinculado ao curso de Psicologia, realizado na sala de espera em uma clínica escola de Fisioterapia de uma faculdade de Santa Catarina. O estágio em Processos Educacionais de Psicologia, de acordo com Felício, Silva e Mariano (2017, p. 7), permite uma abordagem múltipla, divergente e dinâmica sobre as temáticas que se relacionam com a educação e ao currículo, abrangendo diferentes perspectivas e diferentes campos do conhecimento.

O estágio possui carga horária de trezentas e seis horas (306), sendo setenta e duas (72) horas de supervisão, setenta (70) horas de planejamento, cento e quarenta e quatro (144) horas de campo, e vinte (20) horas laborais. Com início em fevereiro e término ao final de novembro.

A clínica escola de Fisioterapia está alinhada às políticas de inclusão em âmbito nacional e municipal, atendendo a comunidade local gratuitamente através de encaminhamentos do Sistema Único de Saúde (SUS) e de hospitais municipais. A clínica tem por objetivo promover aos acadêmicos atividades práticas de treinamento e aperfeiçoamento profissional nas áreas de musculoesquelético e neurologia.

O estágio em Psicologia articula-se com a clínica escola de Fisioterapia através do território comum entre as citadas áreas científicas: a sala de espera. Segundo Teixeira e Veloso (2006), a sala de espera é um território dinâmico, onde acontece a mobilização de diferentes pessoas à espera de atendimento. Os autores assinalam que durante a espera de atendimento, os clientes falam sobre seus processos de adoecimento, aflições e também sobre a qualidade do atendimento prestado. Desta forma, a troca de experiências do dia a dia e do saber popular interage com os saberes dos profissionais de saúde.

A atividade do estagiário de Psicologia nesse contexto conversa com o ensino-aprendizagem, uma vez que a prática pautada na escuta empática transpassa os componentes culturais, sociais e históricos da clientela da clínica escola. Teixeira e Veloso (2006) postulam que a prática de ensino-aprendizagem possibilita ao acadêmico lapidar sua capacidade de comunicação, interação com os usuários e práticas educacionais. Ainda para os autores, a práxis não se limita à transmissão de conhecimento, mas ao reconhecimento da realidade sócio-cultural dos usuários, suas representações, conceitos e preconceitos acerca da temática do cuidado.



Através da atividade exercida na sala de espera, notou-se a importância do pensar-se sobre a representação social que a Psicologia apresenta e representa para a clientela atendida. Almeida, Santos e Trindade (2000) sinalizam que o termo representação social foi proposto por Moscovici (1961) para designar um conjunto de fenômenos e processos relativos ao conhecimento do senso comum, considerada até então como uma forma de conhecimento fragmentada em oposição ao conhecimento científico.

Moscovici (1981) apud Leme, Bussad e Otta (1989) assinala que a representação social pode ser compreendida como um conjunto de conceitos, explicações e afirmações que tem origem na vida diária e no curso de comunicações interindividuais. Leme, Bussad e Otta (1989) apontam que a representação social relaciona-se com o senso comum, e assim se familiariza com o produto da pesquisa científica, constituindo uma massa densa de conhecimento que diz respeito aos sujeitos, mas que não possui ligação à experiência direta destes. Para as autoras, toda representação social recorta e simboliza atos e situações que se tornam comuns, e deve ser vista de um modo ativo, onde a linguagem traz para o fluxo das associações, investe de metáforas e projeta no espaço simbólico. Lahm e Boeckel (2008) apud Arend e Motta (2014) ainda fomentam a representação social como uma possibilidade de compreensão da realidade física e social.

Assim, objetiva-se neste artigo conceituar teoricamente os relatos direcionais vivenciados no campo de estágio e a representação social da Psicologia e do Psicólogo na sala de espera da clínica escola de Fisioterapia. Dentre os fatores que corroboraram com a indagação, destaca-se um ponto em comum na fala dos usuários em espera ao atendimento fisioterápico: Mas o quê vocês fazem aqui?

MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de um relato de experiência vivenciado a partir do estágio em Processos Educacionais de Psicologia, na sala de espera de uma clínica escola de Fisioterapia de Santa Catarina. O estágio baseou-se no acolhimento por meio da escuta empática das demandas dos usuários e na educação em saúde. Scholze, Júnior e Silva (2009) apontam que, na Política Nacional de Humanização (PNH) do SUS, o acolhimento é um processo constitutivo das práticas de produção e promoção de saúde. Germani, Barth e Rosa (2010) assinalam a sala de espera como importante estratégia de educação em saúde.



Os encontros foram realizados pela equipe de estagiários do curso de Psicologia, durante o período de fevereiro a novembro, às segundas-feiras de manhã, com duração de duas (02) horas, às segundas-feiras à tarde, com duração de quatro (04) horas e, às terças-feiras de manhã, com duração de duas (02) horas. Todos os encontros foram realizados na sala de espera da clínica de Fisioterapia com os usuários nos níveis de prevenção, diagnóstico cinesiofuncional, tratamento, reabilitação e manutenção da saúde, conforme previsto no Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional (COFFITO, 2008), assim como com os cuidadores e/ou familiares desses usuários.

Em determinados casos, os encontros não aconteceram durante todo o ano, tendo em vista que a clínica realiza atendimento em módulos, subdivididos entre musculoesquelético e neurologia. Desta forma, o usuário recebe alta do acompanhamento fisioterápico após três (03) meses, período de atendimento entre cada módulo. Salvo casos de manutenção que possuem atendimento contínuo, se essa for a vontade do usuário.

Cada encontro baseou-se no acolhimento, onde a livre demanda dos usuários e/ou cuidadores e/ou familiares foi abrigada e trabalhada através da escuta empática.

RESULTADOS

Mas o quê vocês fazem aqui? A essa indagação sempre foi atribuída a resposta explicativa da função do mencionado estágio em Processos Educacionais. Além disso, a dúvida no olhar daqueles que questionavam permanecia à medida em que a explicativa não parecia satisfazer a real motivação da pergunta. Arend e Motta (2014) relacionam que a dificuldade dos usuários em estabelecerem diferenças entre a Psicologia e o fazer do Psicólogo está em função da atribuição à função assistencialista incumbida à profissão. No campo da sala de espera de uma clínica de fisioterapia, a clareza da função encontrou-se ainda mais complexa para os usuários, afinal, não estávamos em campo para prestar atendimento psicológico de ordem psicoterápica, mas sim em favor do acolhimento a esses usuários do serviço.

Para outros usuários, a questão surgia em torno de vocês só ficam aqui sentados, na sala de espera? Bock, Furtado e Teixeira (2009) postulam que a psicologia do senso comum, que se distancia da psicologia dos psicólogos, permite que as pessoas tenham um domínio superficial do conhecimento científico acumulado da psicologia científica, possibilitando-lhes assim explicar e compreender seus problemas cotidianos. Para os autores, o dito popular "de psicólogo



todo mundo tem um pouco" se apresenta enquanto realidade para diversas pessoas, o que corrobora com a vivência experienciada em campo, assinalada em colocações de cunho simplista e generalizante do "eu também converso com quem precisa".

A função assistencialista da profissão apresenta-se regularmente na fala dos usuários, também vinculada ao cuidado ao outro, mas que não parece estar relacionada com o fazer psicológico-científico e ao objeto de estudo da profissão. Arend e Motta (2014) apontam que a própria categoria não apresenta clara diferenciação sobre esse aspecto, dada a complexidade do objeto de estudo. Bock (1999) resgata o apanhado histórico da profissão, que transpassa do caráter controlador do período colonial, onde a psicologia aparece nas produções médicas para caracterizar as doenças da moral; para o modelo de higienização do início do século XIX, onde a psicologia começa a se diferenciar enquanto área e passa a dar fundamentos e elementos para o desenvolvimento da educação brasileira; chegando à diferenciação do século XX, quando em 1962 a profissão foi regulamentada no país.

A própria constituição histórica da profissão colaborou para que a psicologia ocupasse esse lugar diversificado, que produziu efeitos e representações sociais, assim como estigmas e certezas rotulantes que diagnosticam e curam os "doentes". Ramminger (2001) assinala a confusão em relação ao fazer psicológico, que acaba sendo alimentada pelo próprio psicólogo na legitimação desse não-lugar, quando não é capaz de diferenciar a sua prática da assistência social. Para além da escuta das demandas, faz-se necessário compreender a oferta, tendo em vista que a demanda nunca é espontânea, mas sempre produzida (Ramminger, 2001 apud Baremblytt, 1996). A não-procura dos usuários ao acolhimento, em primeira instância, pode ser atribuída à não-espontaneidade do acolhimento proposto pelo contexto apresentado, somada à dificuldade em compreender o que é a psicologia para aqueles que não a procuraram. A resistência em manter a sala de espera em apenas sala de espera se fez presente nos primeiros encontros, movida pelo desconforto visível aos olhos e sensível aos ouvidos.

Os usuários não produziram demandas de imediato ao nosso contato, mas sim progressivamente. Diante do contexto e do espaço demarcado, a psicologia apresentou-se para esses usuários enquanto um lugar possível de trocas e acolhimento. A movimentação do não-familiar para o familiar possibilitou a esses usuários um lugar sensível, onde a psicologia demarcou espaço e se fez visível. Segundo Brunello et al. (2010), o vínculo está pautado em relações de confiança, e o seu estabelecimento demanda um longo tempo. Para Schimith e Lima (2004) apud Campos (1997), o vínculo entre a equipe e o usuário estimula a autonomia e a



cidadania, devendo-se visar a construção de sujeitos autônomos, pois não há estabelecimento de vínculos sem que o usuário seja reconhecido na condição de sujeito que fala, julga e deseja. Schimith e Lima (2004) apud Merhy (1997) apontam que o acolhimento e o vínculo podem ser comprovados através do trabalho vivo entre equipe e usuário, ou seja, na ação, no processo de construção.

A vinculação com os usuários refletiu para além da demarcação territorial e espacial da sala de espera. Através do vínculo e do acolhimento, o serviço em saúde apresentou-se potente enquanto facilitador da educação em saúde, possibilitando acesso às demais formas de cuidado à saúde. Aqui, transforma-se a narrativa: partindo de "o que vocês fazem aqui?" para "Nunca vou esquecer de vocês".

DISCUSSÃO

Os resultados obtidos neste relato de experiência corroboram com estudos anteriores que evidenciam a centralidade da representação social na relação entre usuários e profissionais de saúde. Arend e Motta (2014), ao investigarem a representação social da psicologia e do psicólogo na sala de espera de uma clínica-escola, identificaram padrões semelhantes aos observados neste estudo: os usuários tendiam a associar o psicólogo a práticas clínicas individuais e psicoterapêuticas, demonstrando desconhecimento sobre outras formas de atuação profissional. Essa aproximação entre os achados reforça a consistência das representações sociais como constructo que opera de forma relativamente estável no imaginário coletivo.

A teoria das representações sociais, tal como formulada por Moscovici (1961), propõe dois processos fundamentais — ancoragem e objetivação — pelos quais o não-familiar é transformado em familiar. A ancoragem corresponde ao processo de classificar e nomear algo desconhecido a partir de categorias já existentes; a objetivação, por sua vez, consiste em materializar uma abstração, tornando concreto o que era apenas conceitual. No contexto deste estágio, ambos os processos puderam ser observados: os usuários inicialmente ancoravam a presença do psicólogo à ideia de "doença mental" ou de "conversa fiada", e progressivamente objetivaram o fazer psicológico a partir das experiências vivenciadas nos encontros, resignificando sua compreensão sobre a profissão.

A sala de espera, enquanto espaço de encontro entre saberes populares e científicos, constitui um território privilegiado para essa transformação. Teixeira e Veloso (2006) destacam



que as interações que ocorrem nesse espaço não são neutras — elas carregam valores, crenças e expectativas que moldam a experiência do cuidado. Ao inserir a Psicologia nesse território, a experiência relatada promoveu um deslocamento simbólico importante: o psicólogo deixou de ser figura distante e especializada para tornar-se presença acessível e acolhedora. Esse deslocamento é condição necessária para que práticas de educação em saúde possam, de fato, alcançar os usuários em suas realidades concretas.

A educação em saúde, nesse contexto, não se limitou à transmissão de informações sobre doenças ou comportamentos saudáveis. Germani, Barth e Rosa (2010) assinalam que a educação em saúde na sala de espera deve ser compreendida como um processo dialógico, que parte das demandas e saberes dos próprios usuários. Esta perspectiva alinha-se à concepção freireana de educação, na qual o educador e o educando constroem conhecimento conjuntamente, a partir da problematização da realidade vivida. Nos encontros realizados, as temáticas emergiam das falas dos próprios usuários — seus medos, dúvidas, histórias de adoecimento e recuperação —, o que conferia às ações um caráter genuinamente participativo e contextualizado.

A Política Nacional de Humanização (PNH) do SUS, referenciada por Scholze, Júnior e Silva (2009), estabelece o acolhimento como diretriz central para a reorganização das práticas de saúde. Nessa perspectiva, o acolhimento não é apenas uma técnica de recepção, mas uma postura ética que permeia todas as relações no âmbito do cuidado. A experiência do estágio evidenciou que o acolhimento, praticado de forma sistemática e intencional na sala de espera, funcionou como um dispositivo capaz de abrir espaços de escuta e troca que raramente ocorrem em outros momentos do atendimento em saúde. Os usuários, muitas vezes habituados a longas esperas passivas, encontraram nesse espaço uma oportunidade de expressão e reconhecimento.

O vínculo terapêutico, amplamente discutido na literatura em saúde coletiva, revelou-se um elemento central para os resultados observados. Brunello et al. (2010) ressaltam que o vínculo não se estabelece de imediato, mas resulta de um processo contínuo de presença, escuta e confiança. Neste estágio, o caráter longitudinal dos encontros — distribuídos ao longo de um ano letivo — foi determinante para que o vínculo pudesse se desenvolver. A regularidade da presença dos estagiários na sala de espera criou uma referência para os usuários, que passaram a reconhecê-los e a buscar ativamente o contato. Esse fenômeno evidencia a importância da continuidade do cuidado como princípio organizador das práticas em saúde.



Do ponto de vista da formação profissional, a experiência do estágio em Processos Educacionais revelou dimensões que transcendem a mera aplicação de técnicas psicológicas. O contato com a diversidade de usuários — em diferentes faixas etárias, condições de saúde e contextos socioeconômicos — proporcionou aos estagiários uma imersão na complexidade do campo da saúde coletiva. Felicio, Silva e Mariano (2017) destacam que os processos educacionais, quando vinculados à prática profissional, promovem uma aprendizagem situada, que integra teoria e experiência de forma indissociável. A sala de espera, nesse sentido, funcionou como um laboratório vivo de aprendizagem, onde conceitos como representação social, acolhimento, vínculo e educação em saúde ganharam concretude e significado.

É importante reconhecer as limitações inerentes a este relato de experiência. Por tratar-se de uma produção qualitativa e descritiva, baseada na reflexão sobre uma prática específica, os resultados não são generalizáveis para outros contextos sem as devidas adaptações. A ausência de instrumentos formais de avaliação da percepção dos usuários ao longo do processo constitui uma lacuna que poderia ser superada em estudos futuros, por meio da aplicação de questionários, entrevistas ou grupos focais. Além disso, o fato de que os encontros eram realizados exclusivamente em sala de espera, sem continuidade em outros espaços do serviço, pode ter limitado a profundidade das intervenções realizadas.

CONCLUSÃO

A experiência prática do estágio em Processos Educacionais vinculado ao curso de Psicologia possibilitou aos usuários do serviço de Fisioterapia o acolhimento e escuta qualificada, além da quebra de paradigmas acerca do fazer psicológico, abrindo caminhos e possibilidades para a inserção da Psicologia na vida desses usuários, a fim de almejar de forma integral a garantia de direitos no âmbito da saúde.

A desmistificação da Psicologia perdurou durante todo o ano do citado estágio. A explicativa da ciência e a quebra das barreiras sociais produzidas pelo saber comum aconteceram a passos curtos e frágeis. A vinculação com os usuários mostrou-se imprescindível à medida em que o contato tornou-se vivo, e através do vínculo, os objetivos que circundaram o conhecer psicológico-científico puderam ser atingidos e mantidos.

Os usuários encontraram em nossos encontros um lugar sensível e visível, onde suas demandas foram acolhidas e significadas. A (re)significação de um espaço demarcado à espera



mostrou sua potencialidade enquanto um lugar possível de vinculação e aprendizado. Histórias de vidas compartilhadas, sofrimentos divididos através da fala e da certeza do acolhimento, esperanças e planos futuros revelados, demonstraram a grandeza do estágio em Processos Educacionais.

Conclui-se que a sala de espera constitui um espaço potente para a atuação da Psicologia, especialmente no que tange à promoção de saúde, à educação em saúde e à desmistificação do fazer psicológico no âmbito do SUS. A experiência evidencia a importância do vínculo, do acolhimento e da inserção da Psicologia em contextos interdisciplinares na saúde coletiva, fortalecendo práticas mais integradas e humanizadas. Sugere-se que futuras pesquisas aprofundem a avaliação do impacto dessas intervenções na percepção dos usuários sobre a Psicologia e seu fazer científico.

AGRADECIMENTOS E FINANCIAMENTO

As autoras agradecem aos usuários, cuidadores e familiares que participaram dos encontros na sala de espera da clínica escola de Fisioterapia, pela confiança e abertura ao diálogo. Agradecem também à equipe da Associação Catarinense de Ensino – Faculdade Guilherme Guimbala pelo espaço compartilhado e à UniSociesc Centro Universitário pelo suporte institucional durante a formação. Esta pesquisa não recebeu financiamento de agências de fomento.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A. M. O.; SANTOS, M. F. S.; TRINDADE, Z. A. Representações e práticas sociais: contribuições teóricas e dificuldades metodológicas. *Temas em Psicologia*, Ribeirão Preto, v. 8, n. 3, p. 257-267, dez. 2000. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2000000300005. Acesso em: 02 nov. 2019.
- AREND, M. I.; MOTTA, R. F. Representação social da psicologia e do psicólogo na sala de espera de uma clínica-escola. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, Campinas, v. 31, n. 3, p. 415-423, set. 2014. Disponível em:



http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2014000300010.

Acesso em: 27 nov. 2019.

BOCK, A. A Psicologia a caminho do novo século: identidade profissional e compromisso social. *Estudos de Psicologia (Natal)*, Natal, v. 4, n. 2, p. 315-329, dez. 1999. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X1999000200008. Acesso em: 25 nov. 2019.

BOCK, A.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. T. *Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia*. 14. ed. São Paulo: Saraiva, 2009.

BRUNELLO, M. E. F. et al. O vínculo na atenção à saúde: revisão sistematizada na literatura, Brasil (1998-2007). *Acta Paulista de Enfermagem*, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 131-135, 2010.

CONSELHO FEDERAL DE FISIOTERAPIA E TERAPIA OCUPACIONAL (Brasil). *Saúde da Família: uma nova opção para o trabalho do fisioterapeuta e terapeuta ocupacional*. Revista Trimestral do COFFITO, Brasília, v. 7, n. 24, p. 6-8, 2005.

FELICIO, H. M. S.; SILVA, C. M. R.; MARIANO, A. L. S. *Dimensões dos Processos Educacionais: da epistemologia à profissionalidade docente*. Curitiba: CRV, 2017.

GERMANI, A. R. M.; BARTH, P. O.; ROSA, J. A sala de espera no agir em saúde: espaço de educação e promoção à saúde. *Contexto & Saúde*, v. 17, n. 33, 2017.

LEME, M. A. V. S.; BUSSAB, V. S. R.; OTTA, E. A representação social da Psicologia e do psicólogo. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília, v. 9, n. 1, p. 29-35, 1989. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931989000100009. Acesso em: 02 nov. 2019.

RAMMINGER, T. Psicologia comunitária x assistencialismo: possibilidades e limites. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília, v. 21, n. 1, p. 42-45, mar. 2001.

SCHIMITH, M. D.; LIMA, M. A. D. S. Acolhimento e vínculo em uma equipe do Programa Saúde da Família. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 6, p. 1487-1494, dez. 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2004000600005. Acesso em: 25 nov. 2019.

SCHOLZE, A. S.; DUARTE, C. F.; SILVA, Y. F. Trabalho em saúde e a implantação do acolhimento na atenção primária à saúde: afeto, empatia ou alteridade? *Interface (Botucatu)*, Botucatu, v. 13, n. 31, p. 303-314, dez. 2009.



TEIXEIRA, E. R.; VELOSO, R. C. O grupo em sala de espera: território de práticas e representações em saúde. *Texto & Contexto — Enfermagem*, Florianópolis, v. 15, n. 2, p. 320-325, jun. 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072006000200017. Acesso em: 02 nov. 2019.